

INCISÕES NA PELE *EM* PROCESSO PERFORMÁTICO DE UM CORPO-VÍSCERA(L)

Rubia Passeri de Moraes (PIBIC/CNPq), Renata Marcelle Lara (Orientadora), Bruno Arnold Pesch (Coorientador). E-mail: rmlara@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento: Linguística, Letras e Arte/Teoria e Análise Linguística.

Palavras-chave: Análise de Discurso. *Performance*. Corpo-víscera(l).

RESUMO

Esta pesquisa desenvolvida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq-FA-UEM), com financiamento do CNPq, apresenta como principal abordagem teórico-metodológica a Análise de Discurso materialista, fundada por Michel Pêcheux, com entrelaçamentos de estudos da imagem, na perspectiva de Didi-Huberman, e filosófico-psicanalíticos, com Kristeva, na sustentação do tema de pesquisa “Incisões na pele *em* processo performático de um corpo-víscera(l)”. De forma geral, objetiva-se compreender o movimento de incisões na pele *em* processo performático de um corpo-víscera(l) no filme *Crimes do Futuro* (2022), ao mesmo tempo que se interroga como incisões na pele (se) discursivizam (n)o processo performático de um corpo-víscera(l) no filme em questão. Tal intrincação material se potencializa no percurso investigado pelo dispositivo de análise de materialidades visuais que mobiliza o *artístico como rasgadura da imagem* (Lara, 2023), partindo de *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) do filme *Crimes do Futuro* (2022). É no movimento discursivo de incisar a imagem que observamos marcas que apontam para o paradoxo como a regularidade central do funcionamento discursivo que coloca em movência o jogo conceitual formulado nesta pesquisa ao mobilizar conceitos como incisões, corpo discursivo, *performance*, falta, *abjeção*, entre outros.

INTRODUÇÃO

O tema sobre “Incisões na pele *em* processo performático de um corpo-víscera(l)”, desenvolvido em Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) na Universidade Estadual de Maringá (UEM) entre setembro de 2024 e agosto de 2025, tem como base material o filme *Crimes do Futuro* (2022)¹, dirigido e roteirizado por David Cronenberg.

¹ CRIMES do futuro [*Crimes of the future*]. Direção de David Cronenberg. Distribuição NEON (Estados Unidos) e MK2/Mile End (Canadá). Atenas: Argonouts Productions AS, 2022. MUBI Streaming (107 min).

Ao retratar uma sociedade distópica, em que os sujeitos já não sentem mais a dor física ao serem cortados e o sistema digestivo do corpo humano começa a desenvolver novos órgãos capazes de ingerir materiais sintéticos como o plástico, dois artistas se aproveitam dessas condições para realizar *performances* artístico-cirúrgicas da retirada desses órgãos. A partir dessa condição do corpo humano, os sujeitos artistas utilizam (seus) corpos *em* atos incisivos, para *performar*. Essas *performances* são realizadas em máquinas tecnológicas de autópsia, controladas manualmente. Nela, os corpos são incisados/cortados/cesurados por braços mecânicos em formato de ossos que possuem um bisturi na ponta. Tanto o desenvolvimento dos novos órgãos quanto as *performances* artístico-cirúrgicas são significados por determinados sujeitos como repulsivos e perturbam/ameaçam as ordens ideológicas presentes em um espaço sócio-histórico que preconiza um “mundo semanticamente normal” (Pêcheux, 1997, p. 34). Assim, ao olhar, enquanto analistas, para a materialidade fílmica em gesto incisivo discursivo, partimos de *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) que delineiam/configuram o *corpus* dessa pesquisa, colocando em movência o funcionamento de incisões na pele *em* processo performático de um corpo-viscera(l).

No filme, os sujeitos sentem prazer, ao invés da dor, quando cesurados, mas desejam experienciar a dor. Nesse desejo de sentir a dor, dá-se a movência do conceito corpo-viscera(l) no percurso desta pesquisa, ao tratar deste corpo sujeito que, ao fissurar e mostrar suas vísceras, sente, de forma visceral, a falta. Pelo trabalho de incisão da imagem-corpo em que a cisura do corpo não se reduz ao corpo biológico é que construímos/sustentamos o jogo conceitual corpo-viscera(l). Este é suportado pelas noções de corpo, falta e equívoco na AD e pelo conceito de *abjeção* (Kristeva, 1982).

Centrados, assim, na Análise de Discurso materialista, fundada por Michel Pêcheux, com entrelaçamentos de estudos da imagem, na perspectiva de Didi-Huberman, e filosófico-psicanalíticos, com Kristeva, é que objetivamos compreender o movimento de incisões na pele *em* processo performático de um corpo-viscera(l) no filme *Crimes do Futuro* (2022), ao mesmo tempo que se interroga como incisões na pele (se) discursivizam (n)o processo performático de um corpo-viscera(l) no filme em questão.

De forma mais específica, propomos (de)marcar os aspectos sócio-históricos, ideológicos e artísticos referentes à construção do termo conceitual corpo-viscera(l); movimentar discursivamente o conceito corpo-viscera(l) na arte performática; olhar o longa-metragem na movência teórico-analítica que configura e sustenta materialmente o conceito corpo-viscera(l) *em* processo performático; e, por último, cesurar a imagem do corpo-viscera(l) *em* processo performático, inquietando o *ver* no retorno do *olhar*.

No gesto discursivo do olhar, nos direcionamos para esse corpo, que em uma autópsia é incisado/aberto/cesurado, dando a ver suas vísceras, ao mesmo tempo em que incisamos, abrimos e cesuramos a imagem-corpo ao tirá-la do campo do visível,

dando potência aos detalhes que (se) abrem (a) um rasgo na estrutura da imagem, e nos norteiam, discursivamente, como uma autópsia da imagem.

MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa, que parte de tal materialidade fílmica, tem como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso (AD) materialista, de Michel Pêcheux, potencializada em território brasileiro, e apropriada, nesta proposta investigativa, de forma entrelaçada a estudos de Georges Didi-Huberman, historiador da arte e estudioso da imagem, bem como à abordagem filosófico-psicanalítica de Julia Kristeva. Tal pesquisa também é potencializada pelo dispositivo do *artístico como rasgadura da imagem* (Lara, 2023) na configuração/investigação do *corpus* que tem como objeto de análise incisões na pele *em* processo performático de um corpo-víscera(l). A noção conceitual corpo-víscera(l) foi construída durante o percurso teórico-analítico a partir do olhar discursivo para *fragmentos cênico-artísticos* (Lara, 2023) do corpo e da imagem-corpo *em* processo performático, que apontam para o paradoxo como a regularidade central do funcionamento discursivo de um corpo-víscera(l). *Fragmentos* esses do corpo que sofre modificações resultantes na incapacidade de sentir a dor física e é controlado ao desenvolver novos órgãos digestivos; da construção de máquinas de autópsia, máquinas de dormir e as que ajudam na digestão de tecnologia avançada, enquanto na arquitetura, os objetos, aparelhos de filmagem e televisões datam de épocas passadas; do movimento de incisar a pele que provoca o prazer e, simultaneamente, causa o desejo provocado *pela* falta da sensação de dor física.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao incisar discursivamente a imagem-corpo, observamos que o ato de cortar o corpo físico *em performances* artístico-cirúrgicas perturba pela exposição das vísceras corporais, ao mesmo tempo em que esse corpo, como materialização do sujeito, ao desejar a sensação física da dor, se subjetiva pela falta, pelo que lhe é visceral – impossível de apreensão e de completude. Assim, por *fragmentos cênico-artísticos* do corpo incisado *em* processos performáticos, movimentamos o sentido de *visceral*, que no trajeto percorrido remete à falta como aquilo que é mais íntimo do sujeito, produzindo desejo. Este corpo-sujeito, constitutivamente falho, é atravessado pelo equívoco. Segundo Leandro-Ferreira (2013, p. 105), “onde há falta, há desejo, onde há desejo, há inconsciente”.

Por esse gesto discursivo de incisar/cesurar/rasgar a imagem, damos a ver os *detalhes* que se movimentam por anacronismos *em montagens/remontagens* (Didi-Huberman, 2016) nas cenas, como abertura ao *artístico* – “materialização do jogo do poético com o político” (Lara, 2023, p. 92). Em um dos *fragmentos cênico-artísticos* envolvendo uma *performance* artístico-cirúrgica de um “concurso de beleza interior”, a câmera enquadra tanto a arquitetura do ambiente, mostrando arcos altos, quanto a *performance* em si, em destaque pela luz amarelada que a focaliza. Nesse funcionamento discursivo, o Barroco retorna como um efeito-pintura, tensionando anacronicamente o contemporâneo. Outro *fragmento* em que observamos o

funcionamento paradoxal consiste em uma *performance* de uma autópsia de um corpo morto, enquadrado em um local escuro com um único foco de luz, que produz, novamente, um efeito-pintura barroca. Também, nas *performances* do filme, o corpo vivo é oferecido ao olhar e, em público, é aberto pela máquina de autópsia *Sark*, que perturba e desestabiliza a imagem desse processo de dissecação em um corpo vivo. Assim, ao olhar discursivamente para esses *fragmentos cênico-artísticos*, damos a ver os sentidos em disputa, nesse vai e vem paradoxal, no funcionamento do corpo-víscera(l), em efeitos que (se) marcam (n)a desestabilização de um *mundo semanticamente normal*.

CONCLUSÕES

As discussões aqui apresentadas mostram que ao longo do processo de análise da materialidade visual *Crimes do Futuro* (2022), no/pelo trabalho do artístico como rasgadura dos *fragmentos cênico-artísticos* do corpo e da imagem-corpo *em performances* artístico-cirúrgicas, damos a ver a movência do jogo paradoxo-conceitual do corpo-víscera(l) ao potencializar os *detalhes* que mobilizam conceitos como incisões, corpo discursivo, *performance*, falta, *abjeção*, entre outros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o financiamento do CNPq para o desenvolvimento do PIBIC, bem como à UEM pela oportunidade de realizar, com qualidade, essa que é a minha segunda pesquisa científica na graduação, potencializando ainda mais a minha formação acadêmica. Também à minha orientadora e coorientador, bem como às discussões coletivas no GPDISCMÍDIA-CNPq-UEM, que me possibilitaram o aprofundamento teórico-analítico do percurso de elaboração/desenvolvimento do projeto.

REFERÊNCIAS

DIDI-HUBERMAN, G. Remontar, remontagem (do tempo). **Chão da feira**, Belo Horizonte, n. 47, p. 1-7, 2016. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/07/cad_47.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

KRISTEVA, J. **Powers of horror: an essay on abjection**. New York: Columbia University Press, 1982.

LARA, R. M. O analista de discurso no espaço *entre* das tensões em processo. In: SOARES, A. S. F.; GARCIA, D. A.; VIEIRA, N. C. (org.). **Tornar-se analista de discurso**. Campinas: Pontes, 2023. p. 85-108.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. O corpo enquanto objeto discursivo. In: PETRI, V.; DIAS, C. (org.). **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 99-107.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

PÊCHEUX, M. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.